

**CULPA MINHA SER SUA DOENÇA:  
O OLHO E A SIMBOLOGIA DA ENFERMIDADE EM *SANGUE NO OLHO*, DE  
LINA MERUANE**

Raphaella Lira Yaakoub (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a obra da escritora chilena Lina Meruane, *Sangue no olho*. Escrito em primeira pessoa e publicado no Brasil no ano de 2015, *Sangue no olho* narra a enfermidade de Lina e sua subsequente perda de visão. Cega à revelia da própria diabetes, conforme vai avançando no território da cegueira, Lina vai se perdendo no labirinto compreendido pelo espaço borrado entre Nova York e Santiago do Chile, duas capitais reconstruídas a partir da debilidade de uma personagem cujo nome ecoa o da própria autora.

A presente análise pretende tomar os símbolos presentes na narrativa, como o sangue e o próprio olho enfermo da protagonista para pensar também questões relativas à situação do latino-americano hoje no mundo, dissecando também a relação entre a narradora e seu companheiro, na medida em que a doença vai se alojando no seio da relação de ambos. Com base nas considerações de Jacques Lacan, Georges Bataille e Susan Sontag, o presente trabalho pretende também elucidar o que da narrativa de Lina Meruane delinea a noção de crime e doença, não apenas no âmbito da herança latino-americana, mas também a ideia de pecado que pode ser lida nas entrelinhas da narrativa. A partir também da noção de pecado origina, e levando em conta que a protagonista carrega em si o signo do feminino e da escrita, o presente trabalho também pretende se indagar sobre a natureza da contravenção, sobre a relação atual da natureza da mulher no século XXI na América Latina. Pretende-se pensar também sobre a desumanização crescente da protagonista Lina, que, conforme avança no território incerto da cegueira, mais parece se aprofundar na impossibilidade de se adequar à normalidade, uma vez que há que se levar em conta também que, à luz da realidade do presente, é também a doença que a transforma em pária, em estrangeira em um mundo pensado e voltado apenas para a linguagem visual.

Palavras-chave: cegueira. Olho. América Latina. sangue,

*Quando alcançares a minha idade,  
terás perdido a visão quase por completo.  
Verás a cor amarela, sombras e luzes.  
Não te preocupes.  
A cegueira gradual não é uma coisa trágica.  
É como um lento entardecer de verão.  
(O outro, Jorge Luis Borges)*

A citação de Jorge Luis Borges serve aqui como um ponto de partida para se caminhar numa direção contrária. O processo que tomou a visão de um dos escritores mais célebres da América Latina foi romantizado, estilizado, não somente pelo próprio como por seus contemporâneos e sucessores. Borges, magnânimo, parecia poder prescindir da visão, continuava se comportando como se fosse uma figura xamânica, recitando Stevenson de memória e convertendo-o por fim no bibliotecário máximo e demiurgo do labirinto de referências que constitui sua obra.

A experiência da cegueira violenta e incurável contida nas páginas de *Sangue no olho* caminha numa direção radicalmente oposta. Lina – ou Lucina, ou Lina Meruane, conforme chega a se apresentar numa passagem – a protagonista, cujo nome ecoa o da própria autora – e que como ela é escritora – vive num inferno nublado pelo sangue inexplicável que se acumula dentro de suas retinas. Não é um entardecer, e sim uma explosão, que imprime à força uma nova realidade na vida de Lina:

Tinha acabado de entrar no quarto de casal, acabado de me inclinar, eu, em busca da minha bolsa e da seringa. Precisava conseguir me injetar à meia-noite em ponto, mas não ia conseguir, porque o precário equilíbrio dos casacos derrubou minha bolsa no chão, porque em vez de para cuidadosamente, como devia, eu me dobrei e estiquei o braço para apanhá-la. Foi então que um fogo de artifício atravessou minha cabeça. Só que o que eu vi não era fogo e sim sangue vertendo dentro do meu olho. O sangue mais espantosamente belo que já vi na vida. O mais incrível. O mais assombroso. Fluía aos borbotões, mas só eu podia percebê-lo. Vi com absoluta clareza como o sangue se adensava, vi que a pressão aumentava, vi que estava atordoada, vi que meu estômago revirava, que sentia ânsia de vômito e, no entanto. Não me levantei nem me movi um milímetro, nem mesmo tentei respirar enquanto observava o espetáculo. Porque era a última coisa que eu veria, naquela noite, com esse olho: um sangue intensamente negro. (MERUANE, 2015, p. 10 e 11)

O sangue que se derrama no olho, desde o momento inicial da narrativa caracteriza-o como um olho enfermo, fechado para o mundo, voltado praticamente para

a interioridade da protagonista, ecoa uma cascata, uma torrente incessante, fora de controle. O próprio discurso de Lina é fragmentado, cindido entre dois momentos, antes e depois da cegueira abrupta. Em diversas passagens da obra a protagonista fala se si numa retórica pontuada, que lembra um soluço e frequentemente coloca pontos finais depois de “eu”, como se o sujeito que ali se enuncia estivesse se dando conta que o momento narrado parte a vida em dois.

De imediato, Lina é mergulhada à revelia em mundo que irá se redefinir pelos limites de seu próprio corpo. Ao tropeçar, esbarrar e se chocar com as coisas que a circundam é que elas passam a existir. O apartamento que compartilha com Ignacio, o namorado, para o qual eles acabam de se mudar, é uma eterna armadilha, cheio de pontas e quinas prontas para ferir a protagonista que ainda se habitou à escuridão na qual suas retinas estão mergulhadas.

De todas as fatalidades que podem acontecer com uma pessoa em perfeito estado de saúde, duas delas são determinantes para isolar o indivíduo em um mundo particular: a cegueira e a surdez. A cegueira, em especial, funciona como um confinamento nas sombras. O olho, símbolo quase universal da percepção intelectual, é o órgão que hoje mais delimita a divisão, ou melhor, a linguagem cultural do mundo capitalista pós-industrial. Todos estamos imersos em um mundo que migrou de uma linguagem verbal e não-verbal para o domínio do visual. Mensagens de textos repletas de *emojis*, o predomínio quase obsessivo da imagem como aquilo que é capaz de fato de substituir uma palavra transformaram o mundo em um império de um único sentido.

Ao ficar cega, mergulhada na escuridão sanguínea de suas retinas enfermas, o mundo de Lina passa a se resumir aos trancos e tropeções que ela nos móveis no apartamento recém-comprado:

Topadas em portas entreabertas, todos os seus cantos dilacerantes. Um nariz machucado de encontro à prateleira. Dedos arranhados, unhas quebradas, tornozelos à beira do entorse. Ignacio tomava nota de cada percalço e tentava esvaziar as caixas, ainda pela metade, retirava as sacolas abertas do corredor e os sapatos órfãos, mas então eu me enredava nos tapetes, derrubada pôsteres encostados nas paredes, as cestas de lixo. Enterrava gavetas abertas e pés de mesa entre os dedos. A casa estava viva, empunhava suas maçanetas e afiava seus ferros enquanto eu insistia em me apoiar em cantos que não estavam mais no mesmo lugar. Mudava de forma, a casa rocava suas peças como num jogo de xadrez, mudava os móveis de lugar para me confundir. Com um olho cego de sangue e outro embaçado pelo movimento, eu parecia ainda mais perdida, mais cabra-cega, zonza e de perna bamba”. (MERUANE, 2015, p 27)

Se quando enxergamos são os objetos que se encontram numa posição passiva, sempre à mercê de eventuais ataques de fúria ou mesmo ao descuido e ao manuseio irrefletido, a realidade da cegueira se impõe na imagem da casa que parece se voltar contra sua moradora. Sem os olhos, a impressão que a narradora tem é a de que os móveis mudam de lugar a todo o tempo, quase que propositalmente emboscando-a a cada ida e vinda, a cada tentativa de fazer sentido dentro da nova ordem doméstica.

Na nota que abre *A doença como metáfora*, Susan Sontag afirma que:

A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar. (SONTAG, 2007)

Lina – ou Lucina – para além do claro status de estrangeira vai ver sua nacionalidade de fato quase se dissolver face à nova realidade de cega. Parte integrante agora de um mundo a que todos sabemos que podemos pertencer, sua inserção se dá de forma violenta e, principalmente, misteriosa. As subseqüentes – e repetitivas - idas ao consultório do oftalmologista pouco ou nada elucidam sobre o sangue que insistentemente se derrama sob suas retinas. Claramente cada vez mais desconfortável com seu novo estatuto de cega, ou melhor, de enferma, os problemas de Lina com a família e com Ignacio – e por extensão com a própria Nova York de sombras cuja metonímia hostil é o próprio consultório médico – vão aflorando. Conforme sua própria percepção da realidade se altera, Lina vai rompendo fronteiras e tentando se instalar em um território onde tudo parece ser novo e doloroso.

O olho, fonte do mal – que é apontado vagamente como uma das consequências da diabetes da protagonista – sempre foi visto também como um símbolo da própria percepção, do conhecimento e também de um certo potencial sobrenatural. Abrir os olhos, em algumas culturas, é visto como um rito de abertura ao conhecimento, de iniciação. Mais especificamente para os algumas culturas indígenas, os olhos das estátuas sagradas são abertos para que elas sejam *vivificadas*. O olho, mais do outros órgãos que podem – e estão – diretamente relacionados com a natureza humana, simboliza a própria vida. É possível inclusive relacionar a história do desenvolvimento sociocultural da humanidade ao uso do olhar. As duas atividades das quais se ocupa a

própria protagonista são intimamente relacionadas ao olhar - a escrita e a leitura - e se ver forçada a prescindir de ambas à força de uma enfermidade que beira a vingança faz com que ela seja obrigada a ressignificar toda a teia de relações que envolve sua vida.

O sangue no olho, expressão que dá título ao livro e que tanto em espanhol quanto em português faz alusão à vingança, emerge na obra também como a metonímia do corpo em represália. Pouco importam os avanços da medicina e os esforços empreendidos na tentativa de subjugar a biologia incontrolável da natureza humana. Presa na escuridão sem saber ao certo o porquê, resta a Lina apoiar-se em Ignacio, de maneira literal e metafórica:

Nunca como agora, pelas ruas de Manhattan cheias de buracos mortais e grades de bueiro com escadas que levam ao inferno. A luz cai no meu rosto, mas não posso tocá-la, não posso usá-la, e ando pela cidade como por uma corda bamba, me equilibrando em Ignacio, que avança noutro ritmo, sincopando seus passos tão seus com outros saltos finos e apressados que ferem o pavimento. (MERUANE, 2015, p. 31)

O que antes poderia ter sido uma relação como qualquer outra se converte numa espécie de simbiose, na qual Ignacio vai aos poucos cedendo a Lina o benefício de seus olhos ainda funcionais, e não são apenas seus passos que vão esmorecendo, mas também sua existência frente às demandas a cada dia mais impositivas da cegueira.

Ainda em *A doença como metáfora*, Susan Sontag afirma que tanto a tuberculose quanto o câncer, durante muito tempo, estiveram mergulhadas numa aura de mistério e perplexidade que faziam que mesmo seus nomes fossem encarados como sinais de mau agouro. As pessoas – familiares ou médicos – evitavam repetir tanto um quanto o outro, dado que ambos eram praticamente sentenças de morte. Afirmar que alguém era portador de uma das duas equivalia a praticamente a uma espécie de contágio moral. Curiosamente, a família chilena de Lina, cujo núcleo são os pais, ambos médicos, parece ter esse mesmo comportamento:

Do outro lado da linha se queixavam, então, da minha falta de consideração, de minha falta de vontade, de minha falta de consideração, de minhas faltas em geral: de minha ausência, de minha displicência, de meu desprezo pela religião. Me condenavam pela decisão apressada e talvez equivocada, mas já antiga, tomada por meus pais quando tinham seus trinta e até então felizes anos, de voltar para o Chile quando eu. De interromper seus planos quando eu. E a frase ficava em suspenso, incrustada entre os dentes de todos eles. Ninguém falava: essa doença, a tua. Ninguém falava sobre os exames, o diagnóstico, as injeções diárias, a dieta especial, o cuidado estafante

da minha mãe e a vida longe do apoio familiar.(MERUANE, 2015, p. 45)

A doença do presente, manifesta no olho agora tornado incapaz de ver, confunde-se com a doença anterior, a diabetes, que parece ter sido determinante para a quadro que se desenrola então. O que fica evidente nas ligações que Lina recebe da família é como o condenação parece anterior ao episódio do olho. Fadada desde o nascimento – e de maneira análoga ao pecado original que persegue a natureza feminina – para a enfermidade, Lina é seguidamente culpada pela família pelo mal que não pode controlar.

No ensaio que sucede *História do olho*, de Georges Bataille, na edição brasileira da Cosac Naify, Roland Barthes afirma que a narrativa, mais do que comportar um relato sobre jogos eróticos ou sobre as personagens em si, é principalmente a história de um objeto e seus avatares, no caso o próprio olho como objeto e seus espelhamentos. Algo semelhante se dá na esfera da narrativa de Lina Meruane. *Sangue no olho* também é, principalmente, a biografia avessa dos olhos que deixam de enxergar e acabam empurrando a protagonista para uma cegueira desesperadora, cheia de ódio e descontrolada. Contrária à cegueira serena e aristocrática de Jorge Luis Borges, Lina se vê forçada a um mundo de brumas em que tudo parece estar no limite da violência, do desagravo e da angústia e se converte numa cega egoísta e aflita, que, ao fim, não hesita em sussurrar, no famigerado consultório médico, palco de tanta angústia e desalento *me espere aqui, já vou lhe trazer um olho fresco*.

## Referências

MERUANE, Lina. *Sangue no olho*. Trad. Josely Viana Baptista. São Paulo, Cosac Naify, 2015

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. Trad. Paulo Henriques Britto/Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BATAILLE, George. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BORGES, Jorge Luis. O outro. In: *Livro de Areia*. Trad. Lígia Morrone Averbuck. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2009.